ESTUDO DIGITALIZADO PELO SITE

WWW.SEMEANDOVIDA.ORG

Projeto exclusivo de resgate de revistas antigas de
Escola Bíblica Dominical.

Para mais estudos visite o nosso site.

A PARÁBOLA DA GRANDE CEIA

Lucas 14.15-24

Introdução
A rejeição do evangelho por parte de muitos sempre choca cristãos que anunciam Cristo com amor pelos perdidos. Como alguém pode recusar a vida verdadeira? Por que alguém faria isso?

A dureza dos corações é tal que muitos não apenas rejeitam, mas também desprezam o evangelho, enquanto outros têm verdadeiro ódio pelo crente e por sua mensagem.

Mas esse quadro pode tomar-se ainda mais entristecedor quando o que rejeita a Palavra é alguém que se colocava e se supunha entre o povo de Deus, entre os verdadeiramente salvos.

Alguns crentes sentem-se abalados com essa apostasia, como se a sua própria segurança fosse questionada. Mas Deus mesmo tem tudo sob controle e aponta para a nossa missão nesse contexto.

É o que veremos aqui.

1 - ENTENDENDO A PARÁBOLA

Um homem deu uma grande ceia e convidou a muitos (Lc 14.16). Sempre que era preparado um banquete, se fazia uma lista de convidados. O convite era feito com antecedência e a resposta era dada com antecedência.

Então, quando tudo estava preparado, os servos saiam a buscar os convidados. Deixar de ir a um banquete depois que se aceitou o convite era uma grande desfeita[1].

Os convidados começaram a dar desculpas para não comparecer (v. 18).

- O primeiro comprou um campo e ia vê-lo (v. 18).
- O outro comprou cinco juntas de bois e tinha de testá-las (v. 19).
- E o terceiro casou-se (v.20).

Nenhuma das justificativas era plausível. Ninguém compra um terreno sem antes ir vê-lo. Da mesma forma, ninguém compra cinco juntas de boi sem testá- las antes. E mesmo que não as tivesse testado, isso poderia ser feito no dia seguinte. E, quanto ao que se casou?

Ou ele foi irresponsável em aceitar o convite sabendo que sai casamento estava marcado, ou ele marcou seu casamento sem dar a devida atenção ao compromisso assumido.

A ira do anfitrião é a sua resposta à irresponsabilidade de seus convidados (v.21), mas o banquete vai começar sem eles. Ele manda seus servos recolherem os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos.

Vendo que ainda havia lugar, o dono do banquete manda seus servos buscarem aqueles que estavam pelos caminhos (vs.21-23). Com isso, todos os lugares seriam ocupados, não havendo espaço para os que se recusaram a participar (v.24).

[1] Em alguns casos, era uma declaração de guerra. Ver Kistemaker, p. 218.

Com essa parábola Jesus quis ensinar que o convite para o reino é feito a todos. Os que aceitam o convite não podem voltar atrás. Voltar atrás implica em ficar de fora da grande ceia, pois é uma atitude deliberada contra o próprio Senhor. Essa era a atitude dos fariseus.

Eles negligenciavam o convite para o banquete do reino quando não davam ouvidos ao evangelho de Cristo, pois já se julgavam participantes do reino de Deus. Jesus disse que nos lugares deles se assentariam os considerados a escória da sociedade.
Com base nessa parábola, podemos enumerar duas implicações.

2 - NEM TODOS QUE DIZEM SIM PARTICIPARÃO DO BANQUETE

O chamado para fazer parte do reino de Deus é legítimo e destinado sinceramente a todos, ainda que somente os eleitos sejam capazes de aceitá-lo. Sabemos de pessoas que recusam o convite do evangelho ao recebê-lo.

Mas há também os que recebem alegremente o convite do evangelho e depois, quando provados, negam a Cristo.

O próprio Jesus advertiu seus discípulos quanto a essas pessoas (Mt 13.5-7,20-22). Parecem cristãos verdadeiros, conhecem a Palavra de Deus, são usados pelo Senhor, mas possuem uma fé efêmera e circunstancial.

Mas não se trata de salvos que perderam a salvação. A salvação não se perde porque é Deus quem a garante, não nós (Jo 6.37; 10.28; Ef 1.13,14; IPe 1.3-5). São pessoas que vivem como se fossem salvas por Cristo até que, num determinado momento, apostatam da fé.

Afinal, ninguém perde o que nunca teve. O cristão pode cair em terríveis pecados, mas a Bíblia ensina que se esse é um eleito do Senhor, o próprio Deus o restaurará. E o caso de Davi (2Sm 11.1-27; 12.1-25; Sl 32.2-5, 51.1-19; At 13.22).

Assim, existem aqueles que vêm para o nosso meio, mas apostatam. Paulo preveniu Timóteo acerca disso: *"Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que tem cauterizada a própria consciência"* (lTm 4.1,2).

Hebreus afirma: *"E impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia"* (Hb 6.4-6).

Esses são os apóstatas, e não pessoas que cometeram este ou aquele pecado. Por isso, a impossibilidade de serem renovados ao arrependimento (vs.4,6). Um apóstata "é alguém que renuncia a Palavra de Deus, que extingue sua luz, que se nega a provar o dom celestial e que desiste de participar do Espírito", ou seja, "uma total renúncia de Deus"[2].

[2] Calvino, João. *Hebreus*. São Paulo. Edições Paracletos. 1997. p.151.

Mas, como é possível explicar que alguém que foi iluminado pela Palavra, que provou o dom celestial, participou do Espírito Santo e experimentou os poderes do mundo vindouro, possa apostatar?

É que Deus pode tocar os réprobos com o sabor da sua graça, iluminá-lo com chispas de sua luz e conceder-lhes certo conhecimento de sua Palavra. E uma "fé temporária" (Mc 4.17).[3] Um exemplo claro dessa fé temporária, seguida de apostasia, é Judas (Mc 3.19; Mt 10.1-42; Lc 9.1).

Portanto, não devemos ficar abalados por determinadas pessoas, até mesmo líderes cristãos, que foram tão usados por Deus e, de repente, apostatam da fé. Deus cumpriu seu propósito nessas vidas.

Devemos lembrar da orientação de João: "Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos" (I Jo 2.19).

E lastimável que pessoas apostatem da fé. Mas ainda há pessoas para serem convidadas para o banquete. Essa é a nossa missão.

3 - BUSCAR "OS POBRES", NOSSA MISSÃO

Quando contou a parábola, Jesus falou sobre "os pobres, os aleijados, os cegos e os coxos" (Lc 14.21). Jesus não estava pregando um "evangelho social" ou elaborando uma "teologia da libertação".[4]

Ele estava fazendo uma comparação entre os fariseus, que se consideravam merecedores da graça, divina, e as pessoas mais simples da sociedade, consideradas pelos fariseus como refugo, indignos de receber a graça de Deus (Lc 18.9-14; Mc 2.16).

Foi impressionante para os fariseus, ouvindo Jesus, que o anfitrião da parábola tenha mandado seus servos buscarem pelas ruas, becos e caminhos, pessoas sem valor e sem dignidade.

Pior que isso, esses foram convidados para assentar-se à mesa. Isso significava naquele contexto, desfrutar de uma profunda amizade e intimidade com o anfitrião. A lógica de Jesus é: se os que se julgam dignos desdenham do convite para a ceia, os considerados indignos o aceitarão.

Encontramos aqui uma demonstração da visão missionária de Cristo. Como o Messias,

Jesus tinha claro em sua mente que sua missão era buscar e salvar o perdido (Lc 19.10), independente da classe social (Lc 17.11-19;' 19.1-9; Jo 8.1 -11). A ordem dada pelo anfitrião da parábola, é idêntica à ordem dada por Jesus aos seus discípulos: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16.15).

Infelizmente, nós mesmos muitas vezes estamos pouco interessados na obra missionária como um todo.

---

[3] Ibid., pp. 153, 154.

[4] Teologia marxista das décadas de 60 e 70 para a qual a boa notícia para o pobre é a subversão do sistema político.

A obra missionária é tarefa da igreja de Cristo desde a sua inauguração. Não é uma opção, é uma ordem. Para essa obra, o próprio Jesus prometeu dar-nos seu Espírito, para que por meio dele pudéssemos ser verdadeiras testemunhas do evangelho, aqui e até aos confins da terra (At 1.8).

Ele afirmou ainda que seria dada à igreja a autoridade, como agência do reino de Deus, para penetrar no campo do inimigo levando vida aonde outrora prevalecia a morte.

As portas do inferno não podem prevalecer contra a ação evangelística da igreja (Mc 16.18). Por fim, Jesus prometeu que estaria conosco todos os dias de nossa missão (Mt 28.20). Isso garante segurança aos servos, que por muitas vezes entrarão em becos sombrios e passarão por caminhos perigosos.

Então, por que será que não temos cumprido a ordem dada pelo Senhor? Por que ainda estão sobrando lugares na mesa da grande ceia? Nossa missão é pregar o evangelho, para que aqueles que são do Senhor possam ser alcançados por sua graça. Somos os instrumentos de Deus para isso.

Como os servos trouxeram as pessoas à presença do seu patrão, para participar daquela ceia, que nós também possamos buscar os que estão pelos becos da vida, pelos caminhos da perdição, a fim de trazê-los à presença do Senhor.

CONCLUSÃO

Aprendemos, quanto aos que apostatam da fé, que não há misericórdia de Deus para eles. A palavra usada pelo autor de Hebreus diz tudo: impossível. Portanto, temos em Hebreus uma advertência a todos, para o perigo catastrófico que é a apostasia.

Quantos aos que Deus quer convidar para as bodas do Cordeiro, devemos nos empenhar ao máximo para trazê-los à presença do Senhor. Isso implica em reunirmos todos os esforços possíveis, a fim de que o evangelho seja conhecido, pois somente quando o último convidado chegar, isto é, quando o último eleito for trazido à presença do seu redentor é que a festa começará.

Portanto, no reino de Deus iremos lidar com os que rejeitam e com os que abraçam o evangelho. Não podemos desanimar com os apóstatas, mas devemos pregar o evangelho, sabendo que ainda há muitos a serem trazidos para a ceia do Senhor Jesus.

Aplicação

- Baseado na parábola da grande ceia, o que devemos considerar ao pregar o evangelho?
- Se nem todos aceitarão o convite para o banquete, como saber para quem pregar?
- Qual a minha obrigação, como cristão, quanto à ordenança de Marcos 16.15?

AUTOR: REV. GLADSTON PEREIRA DA CUNHA